



Trabalho e autonomia. Construção do possível entre os trabalhadores, homens e mulheres, recicladores da Associação Ecológica Rubem Berta de Porto Alegre (RS)

Work and autonomy. Construction of the possible among the recycling workers, men and women, of the Rubem Berta Ecological Association at the city of Porto Alegre (RS)

Nilton Bueno Fischer
niltonbf@terra.com.br

Resumo: Neste artigo propomos uma reflexão a partir das nossas vivências com as pessoas que trabalham na unidade de reciclagem Rubem Berta situada na periferia da cidade de Porto Alegre. Nossa argumentação se constrói entrelaçada com os vínculos que temos com o clássico tema da educação popular. Essa área do conhecimento, no Brasil, ao longo dos últimos 40 anos, produziu um dos mais ricos e complexos desafios, tanto no plano científico como no plano das intervenções, fossem elas oriundas da sociedade civil ou da esfera do Estado. Discutimos algumas das aprendizagens que ocorrem, no trabalho de homens e mulheres concretos, ligados ao mundo da economia popular, na forma associativa, tendo como cenário o local onde são processados e reciclados resíduos sólidos urbanos secos de origem domiciliar, coletados através das ações vinculadas às políticas públicas da Prefeitura local. Embora os ganhos materiais dessa atividade econômica ainda não resultem em pagamento justo aos trabalhadores, a teoria e a prática se energizam a partir da ação reflexiva que ocorre nesse espaço-tempo, produzindo resultados no campo das intervenções sociais, das metodologias de pesquisa e de categorias analíticas.

Palavras-chave: educação popular, reciclagem, pedagogia do trabalho, economia solidária, formação humana.

Abstract: In this article we take into account a reflection from our experiences with workers of Rubem Berta recycling unit, in the periphery of the city of Porto Alegre. Our argument is interlaced with the connections that we have with the subject of Popular Education. This area of the knowledge, throughout the last 40 years in Brazil, produced one of the richest and complex challenges in the scientific aspect as well as in the one of the interventions, no matter if these actions were deriving from the civil society or from the State sphere. We argue about some of the apprenticeships that occurred, in the concrete work of men and women from the world of popular economy, in its associative form. These activities are related to the place where solid residues, from urban, domestic and dry origins are processed and recycled, after being collected by local Municipality. Although the material profits of this economic activity did not yet result in fair payment to the workers, there is a energized connection between theory and practice, which reflects the action that occurs in this time-space, producing results in the field of social interventions, research methodologies, and analytical categories.

Key words: popular education, recycling, pedagogy of the work, solidarity economy, human being formation.

Introdução

Neste artigo desenvolvemos nossa reflexão a partir das vivências e experiências com as pessoas que trabalham na unidade de reciclagem Rubem Berta, situada na periferia da cidade de Porto Alegre. Especificamente nosso texto foi sendo construído a partir do depoimento da recicladora Mariza Marquêz Leite¹ feito durante evento na Unisinos². Nossa argumentação se constrói entrelaçada com os vínculos que temos com o clássico tema da educação popular. No Brasil, ao longo dos últimos 40 anos, essa área experienciou um dos mais ricos e complexos desafios, tanto no plano científico como no plano das intervenções, fossem elas oriundas da sociedade civil ou da esfera do Estado.

Este texto reflete parte do conjunto de ações que realizamos na periferia da cidade de Porto Alegre, RS, em pesquisas e assessorias que têm a interface de áreas como “geração de renda / economia popular / solidária”, “educação ambiental” e escolarização de adultos, tendo como cenário o local onde são processados e reciclados resíduos sólidos urbanos secos de origem domiciliar, coletados através das ações vinculadas às políticas públicas da Prefeitura local.

Histórico do Rubem Berta

A Associação de Reciclagem Ecológica Rubem Berta iniciou suas atividades em 1993, meses depois da decisão política de reassentar populações que viviam em áreas de risco, do então prefeito municipal Olívio Dutra, na primeira gestão da Admi-

nistração Popular de Porto Alegre. Foram removidas famílias da “Vila Tripa” - então localizada na área que separava a Avenida Sertório e o Aeroporto Internacional Salgado Filho - para essa região localizada ao norte da cidade, junto ao conjunto habitacional popular do Bairro Rubem Berta.

No início das atividades de geração de renda a partir da coleta seletiva, foi fundamental a presença dos agentes de mediação com experiência no campo popular, como é o caso dos religiosos católicos, em especial da Ordem dos Irmãos Maristas³ em suas atividades de pastoral com as classes populares. As primeiras instalações destinadas ao local de trabalho com essa população eram bem simples e feitas com madeira costeira. Além disso, foi construída uma Capela para as celebrações religiosas e também encontros de formação e assembleias da associação.

Além da população transferida de outras regiões da cidade, foram sendo incorporadas pessoas que moravam perto do local, mantendo uma média de 40, 50 pessoas trabalhando dois turnos e com ganhos baixos, aquém de 1 salário mínimo. O número atual é de 28 pessoas adultas que trabalham (24 mulheres e 4 homens) no Rubem Berta, na faixa etária entre 30 e 50 anos, com famílias de cinco membros em sua média, com filhos entre recém-nascidos até 13 anos, com média de oito anos de idade. Esse pessoal reside em casas que não são legalizadas na sua propriedade; alguns vivem num mesmo terreno com até três casas dentro desse espaço único. Cerca de 70% reside na circunvizinhança e os restantes em outros

bairros ou mesmo no município vizinho de Alvorada.

Nos processos de formação inicial foram sendo criadas instâncias de auto-organização a partir da prática de assembleias gerais mensais para as deliberações da dinâmica do mundo do trabalho, do associativismo e de práticas administrativas (especialmente a forma de organização do trabalho, adequação às tecnologias possíveis e gestão financeira dos ganhos, tanto individuais como coletivos).

Cabe destacar que – depois dos primeiros passos na direção da consolidação da experiência de um trabalho coletivo, com horários de início e fim, nas interações com as políticas públicas municipais, especialmente da coleta seletiva – houve uma instância formativa importante através da aproximação com os mecanismos de ordem política e a conexão dessa prática de geração de renda com a gestão da cidade de Porto Alegre via –Orçamento Participativo, especialmente quando das plenárias de geração de renda.

Durante todo esse tempo e até o final da década de 1990, os trabalhadores do “Galpão” (nome informal dado à Associação de Reciclagem Ecológica Rubem Berta) experienciaram um conjunto de atividades formativas para a melhoria do trabalho através da introdução de um leiaute (layout) da planta do chão da fábrica para facilitar o processo de entrada da matéria-prima (lixo seco, urbano-doméstico) até a saída na forma de fardos.

Nessa época, a Unidade de Reciclagem foi ampliada: trocou-se a estrutura de madeira por material como

¹ Tesoureira da Associação. Liderança com mais de 10 anos trabalhando nessa unidade de reciclagem tendo ocupado funções de presidente e tesoureira nos últimos 6 anos.

² I Jornada de Estudos sobre Produção e Legitimação de Saberes no/do Trabalho, realizada nos dias 27/03 e 28/03 na UNISINOS, sob a coordenação da Prof^a. Dr^a Maria Clara Bueno Fischer. A fala da Mariza foi totalmente de sua autoria, de acordo com sua experiência ao longo dessa década na unidade de reciclagem Rubem Berta.

³ Destaca-se a figura pioneira e carismática do Irmão Marista Antonio Cechin, reconhecido pelo seu trabalho com classes populares na região metropolitana de Porto Alegre já por 30 anos em atividades de pastoral que combinam organização de comunidades, associações de reciclagem e outras inserções. Sua irmã Matilde Cechin tem sido uma companheira solidária e permanente nessas iniciativas sociais.

tijolos, cimento, portões de ferro e com maior espaço para receber a matéria bruta (sacos de lixo da coleta seletiva) e outras matérias-primas. Essa reforma facilita o processamento e estocagem desse material para a última etapa da venda. Além disso, o local possui um exíguo espaço para o escritório, onde são feitas as negociações com os compradores, as reuniões da diretoria e ainda serve a estocagem de alguma matéria-prima mais cara, como é o caso do alumínio (=latinhas de bebida), objeto de fácil roubo caso fique no lado de fora ou numa parte mais vulnerável da unidade de reciclagem. O galpão também tem dois pequenos banheiros que atendem precariamente as necessidades do grupo⁴.

A composição do grupo atualmente é diferente do primeiro que chegou há mais de 10 anos. Não são mais pessoas que trabalhavam na rua (carrinheiros, papeleiros), e sim pessoal migrante, desempregado da economia formal, ex-empregadas domésticas, donas de casa.

Na área da educação, a composição do atual grupo predomina a baixa escolaridade (nenhum tem o ensino fundamental completo, a metade alcançou somente a metade desse nível de ensino, e cerca de 1/3 não se encontra alfabetizado ainda).

Mesmo sendo uma associação, com base nos princípios do associativismo, não há direitos trabalhistas formais, como INSS, FGTS, férias e 13º salário. Os associados têm um sistema de solidariedade entre eles, ajudando-se quando alguém adoce ou quando há um acidente de trabalho, provendo o pagamento dessa pessoa mesmo que não esteja trabalhando – quase como uma previdência social

comunitária. As férias são gozadas na forma de folgas e correspondem a certo número de dias que são concedidos para os associados: estes não vão ao trabalho e recebem o pagamento integral. O 13º salário é obtido a partir de uma espécie de fundo de recursos gerenciado pelos Irmãos Maristas através da venda de material da PUC/RS e cujos resultados ficam retidos ao longo do ano para serem reservados para o final do ano, como se fosse 1 salário adicional.

Hoje o grupo se compõe de 28 adultos, mas já teve até 60 trabalhadores em períodos mais férteis da coleta seletiva em Porto Alegre. A diminuição da renda está associada com a diminuição da quantidade e qualidade da matéria-prima (lixo seco, urbano, doméstico) e com o aumento das unidades de reciclagem. Hoje, além das 14 unidades de reciclagem mais tradicionais (considerando as dimensões, o período de existência e a localização na periferia distante da cidade), há também outras que estão surgindo e se consolidando e já têm locais definidos (mais centrais e embaixo de viadutos) e com menores dimensões e também competem com o novo ator social no âmbito da reciclagem: Porto Alegre tem um enorme número de carrinheiros que circulam na cidade e se abastecem dos lixos já previamente classificados e destinados aos caminhões da coleta seletiva do município (chegam antes do caminhão em cada região da cidade, e, com isso, diminui a quantidade destinada para as unidades de reciclagem). Além disso, a iniciativa privada começou a afetar esse mercado através da contratação de serviços de proprietários de pequenos caminhões, camionetas e mesmo carroças

que coletam o material antes dos caminhões da Prefeitura. A média de 60 toneladas por dia, do final dos anos 90, agora está num processo de diminuição devido à ‘antecipação’ da coleta por parte desses intermediários.

Os ganhos do pessoal da unidade de reciclagem ficam diminuídos e não chegam a atingir sequer 1 salário mínimo regional de R\$ 260,00 mensais. O salário mínimo nacional, de R\$ 300,00, também raramente é obtido. Nos primeiros meses de 2006, o valor não ultrapassou R\$ 180,00 em média.

Frente a esse quadro, além da diminuição dos associados, da quantidade da matéria-prima e da queda de sua qualidade, é que surgem iniciativas como as da Faculdade de Educação da UFRGS⁵, que encaminha o lixo seco produzido – diretamente – para a Associação de Reciclagem Ecológica Rubem Berta, ainda em seus passos iniciais, com ganhos parciais e que empatam com os custos do frete para o transporte desse lixo. Está sendo gestada uma inovação no campo da reciclagem do lixo seco urbano nesse projeto – há uma aproximação entre os atores envolvidos: os produtores da matéria prima (alunos, professores, funcionários, visitantes), o pessoal da limpeza (mulheres contratadas pelas empresas na forma terceirizada) e o pessoal da Unidade de Reciclagem Rubem Berta (que vem buscar o material numa periodicidade de 10 dias – aproximadamente).

Desdobramentos da prática para o campo reflexivo

O instigante momento que nosso país vivencia na atual conjuntura política caracterizada por tentativas

⁴ A partir de junho de 2006 houve a mudança do local do escritório que foi ampliado por meio de recursos obtidos através de doações de organização religiosa alemã com mediação do Prof. Dr. Johannes Doll (UFRGS). A descrição feita para este trabalho ainda se baseava na situação anterior, após a primeira reforma do prédio total do galpão.

⁵ A atividade de coleta seletiva no prédio da FACED/UFRGS faz parte do Projeto de Extensão denominado Caminhos do Lixo na FACED. Fazem parte dele três professores e uma bolsista e na ponta atuam as pessoas terceirizadas contratadas pelas empresas de limpeza junto à Universidade. Há um processo educativo junto aos produtores da matéria prima que são todos os que circulam diariamente nesse local. São feitas explicações em aula e colocados cartazes nos diversos andares assim como coletores de lixo seco com identificação prévia.

de ampliar a democracia com vistas à construção de uma nação mais justa, fraterna e sustentável incorpora, também, uma sólida tradição de conhecimentos produzidos nas interfaces que o campo da educação popular propicia. Nesse sentido o mundo do trabalho em suas diversas formas se instaura nesse 'entorno' com novos desafios para todos os que interagem nesse espaço, desde os protagonistas da sobrevivência cotidiana até aqueles que se fazem presentes pela condição de assessores, estudiosos, pesquisadores, etc.

Dentro desse quadro é que as relações de trabalho se processam e precisam ser compreendidas com uma perspectiva mais cuidadosa, considerando as especificidades do locus de onde retiramos nossas empirias como da atual conjuntura do setor de reciclagem do lixo seco urbano. Nessa situação concreta, onde homens e mulheres, estas em maioria, se encontram sob a forma organizativa do princípio associativista é que vão se alinhavando momentos de interação grupal nesses sujeitos concretos que foram afastados dos direitos mínimos de cidadania, como emprego, escolarização, moradia, saúde, aposentadoria, entre outros.

Na dinâmica da produção, através da classificação e reciclagem de matéria-prima vão se processando também os mais diversos projetos de vida pessoal e coletiva. O que há de comum entre os recicladores, a pobreza como origem de todos, a migração do interior e do espaço intraurbano, a esperança como instituinte da busca da melhoria de vida, tudo isso vai sendo processado de forma lenta, com ambigüidades, com idas e vindas nos avanços de melhoria na vida de todos e de cada um deles. É no emergente dessa prática social que se formam homens e mulheres e se criam novos conhecimentos sobre a condição humana e também se criam desafios concretos ao modelo

de sociedade vigente em todas as suas formas de expressão: política, partidária, ecológica e de gestão pública. Aqui as palavras de Boaventura de Sousa Santos servem como referência para nossas considerações a respeito do significado dessa experiência que vivenciamos e através da qual aprendemos a cada momento, sem nunca ter algo pronto do tipo sabemos tudo sobre a condição de ser reciclador/recicladora.

Numa reflexão expressa no livro *Em Campo Aberto*, Brandão (1995) estimula todos os educadores envolvidos com projetos que articulem temas como educação e cultura popular. No capítulo em que faz um balanço dos últimos 30 anos de educação popular, há um registro extremamente desafiador para as nossas práticas de pesquisa e assessoria no campo da educação popular. São duas passagens que destacamos como sinalizadoras de nosso enfoque teórico e metodológico neste projeto. Sua argumentação é a seguinte:

[...] cultura populares não são apenas o reflexo da vontade de elites eruditas, para que os seus criadores se iludam sobre o seu modo a partir de sua própria criação. Existem espaços de autonomia, existem estratégias de originalidade e de afirmação de identidades populares cuja dinâmica tem surpreendido aqueles que se dedicaram ao seu estudo mais profundo em qualquer uma de suas dimensões (Brandão, 1995, p. 152).

Esse registro se torna um desafio quando procuramos adaptá-lo em nossas ações concretas, no território do micro, do cotidiano, do vivido por essas classes populares e, ao mesmo tempo, tentar compreendê-lo em suas relações internas e externas, num processo interativo de diferentes e diversas formas de conexões com abordagens teóricas que utilizamos como nossas referências. Aí

parece estar o desafio do analista, e é nesse cenário reflexivo que apresentamos algumas passagens do depoimento da tesoureira da associação, Mariza Marquêz Leite.

Uma instigante parte de sua fala está relacionada com o ganho mensal que os associados recebem ao final de cada mês. Com valores de até um salário mínimo, ou talvez no máximo até a sua metade, como sobreviver? Como garantir alimento, saúde e educação para os filhos? Sem contar as despesas regulares de alimentação, higiene e vestuário. Através da remuneração se dá o reconhecimento do trabalho, da atividade humana. Essa remuneração indica que a sociedade ainda não dimensionou essa realidade, não tem os elementos para uma atitude mais compreensiva da condição em que (sobre) vivem os trabalhadores, homens e mulheres, das unidades de reciclagem. Por outro lado, os próprios recicladores e as recicladoras demonstram uma energia, uma garra, um denodo em não considerar essa situação como inibidora de sua identidade profissional ao exercerem suas atividades profissionais nesse campo da economia.

As cerca de 30 famílias que dependem da remuneração dessa importante e estratégica atividade laboral, mesmo com o mínimo de ganho, apontam-nos, por meio de suas falas, necessárias reflexões que indicam a constituição de um processo, ainda lento, de superação da forma depreciativa como eram identificadas (lixeiros, papeleiros, catadores, etc.). A condição de subalternidade dessa categoria profissional, presente nessas denominações, vai sendo substituída por uma nova identificação como recicladores. A dignidade da defesa da condição de recicladora faz com que nos debruçemos sobre o que seria um avanço nas nossas análises do mundo do trabalho, especialmente na conexão entre espírito corpora-

tivo e espírito solidário. Neste momento caberia, para nossa linguagem escrita, um acréscimo: a sonoridade da voz da recicladora Mariza, quando une sua atividade profissional com uma condição solidária com o restante da população, independentemente de classe social e mesmo de espaço físico de moradia. O tom de uma voz feminina, advinda do mundo concreto do trabalho, com resíduos e sobras dos outros, transformados em renda, revela uma perspectiva que supera a noção de ganhos imediatos e individuais pela de ganhos de médio e longo prazo e coletivos.

A relevância da experiência para recicladores e agentes de mediação

Para a compreensão dos tempos e dos espaços de construção possível do nós, inspiramo-nos em várias fontes. A primeira já se encontra na introdução deste artigo: nossa própria experiência junto às classes populares que sobrevivem por meio de seu trabalho como recicladores na periferia da cidade de Porto Alegre. Em projeto de pesquisa anterior⁶ as ênfases estavam em tentar compreender as relações entre as políticas públicas municipais sobre educação ambiental e suas repercussões tanto nos territórios institucionalizados do saber, isto é, nas escolas localizadas perto das UR (unidades de reciclagem), como nos territórios menos formais, isto é, nos galpões onde pessoas trabalham com a reciclagem de lixo seletivo. Esperávamos que a educação ambiental pudesse fazer parte de um projeto mais ampliado de cuidados, não só com a natureza (pela reciclagem), mas, também, com os próprios corpos (higiene pessoal, uso de luvas e condições de trabalho).

Durante o depoimento da Mariza, foi possível compreender como outros elementos incidem na condução de uma gestão no mundo do trabalho, com as características de uma associação de reciclagem na qual os direitos sociais mínimos sequer estão contemplados, como é o caso da garantia de férias, décimo terceiro salário, fundo de garantia, previdência social, licença saúde, etc. Também deveremos ficar atentos àquilo que ela revelou na sua fala e que está também presente em nossas investigações e observações do trabalho de campo: as relações de poder entre os agentes de mediação e os recicladores e, também, aquelas que ocorriam dentro da própria UR, especialmente entre as pessoas em cargos de chefia (diretoria) e os associados (trabalhadores).

Os resultados encontrados evidenciaram situações concretas de intensa solidariedade, ajuda e compreensão entre essas pessoas apesar das condições de extrema pobreza. Também se tornaram visíveis os contrastes entre uma retórica de parte dos recicladores a respeito da importância do trabalho que fazem e das indispensáveis melhorias que deveriam ocorrer para aumentar o ganho e os limites, impossibilidades e dificuldades em traduzirem na prática seus discursos.

Os sujeitos concretos, os homens simples como os chama Martins aos poucos vão expressando suas vidas na forma de falas, de ironias, de fofocas, de boatos, de confidências, de conchavos, de sussurros, de recados. Essa linguagem comunicativa se complementa com outras formas de expressão e se manifesta através da corporeidade, por meio de pessoas encurvadas, algumas muito magras, outras muito gordas, outras ainda com seus rostos acompanhados de

sorrisos e poucos dentes. Essas condições nos mostram o quanto não temos de ferramentas para poder compreender o que significam tais linguagens. Foi através de uma despojada e densa escuta no cotidiano que foram sendo processados momentos de trocas mais intensas, entre as recicladoras (em especial) e os agentes de mediação que atuavam em nosso projeto (um psicólogo e de uma médica).

A experiência em sintonias com autores e desafios

Nossa experiência se situa, também, numa criativa provocação que a inserção nos fez para uma retomada de referenciais teóricos que conectam aprendizagens significativas tanto para os agentes de mediação como para os recicladores sem, porém, partir de algum critério *a priori* a respeito do ponto de chegada. Exemplifiquemos: uma parcela de educadores, em ações semelhantes de interação com as classes populares, tende a privilegiar uma tomada de consciência desses setores desde que direcionado a um tipo de visão de mundo, especialmente se houver uma conexão com transformação social sob um determinado referencial dito crítico e até mesmo revolucionário. Um pensador brasileiro do porte de Carlos Nelson Coutinho, citado por Brandão (1995), já anunciava os limites desse tipo ventríloquo de consciência, reportando-se a projetos semelhantes de educação popular dos idos 'anos 60'. Esta passagem de Brandão elucida o que argumento:

Um outro participante do ideário dos anos 60, Carlos Nelson Coutinho, critica o fato de que toda a prática de

⁶ Projeto de pesquisa junto ao CNPq: Movimentos sociais contemporâneos e educação popular: aproximações possíveis, complexidades emergentes - estudo de caso de mulheres recicladoras na periferia de Porto Alegre/RS.

recriação da cultura brasileira foi historicamente feita de cima para baixo, pelo fio do que ele chama de uma via prussiana. Mesmo que a intenção do projeto cultural tenha sido, vez ou outra a de democratizar ou de nacionalizar uma cultura elitista e importada, nunca existiu um projeto de transformações *globais* de estruturas, mesmo culturais, onde o povo fosse chamado a ser não apenas um beneficiário marginal dos efeitos da luta, mas também e principalmente um de seus sujeitos participantes.

Esta manifestação está preñe de palavras fortes, como toda e nunca, denotando uma reflexão que sinaliza para uma revisão de elementos fundantes da educação popular em nosso país. Mesmo que tenha havido muitas e generosas experiências fora dessa linhagem prescritiva (até eticamente complicadas frente ao uso de terceiros para atingir fins pessoais) bem como a introdução do ideário da educação popular nas esferas do poder público, municipal, estadual e federal, é importante entender essa frase em sua necessária adaptação aos tempos de hoje.

Na continuidade dessa interlocução com autores e ainda dentro desse perfil de revisão de nossas práticas educativas no campo popular, encontramos em Paulo Freire, no seu livro escrito em 1996, *Pedagogia da autonomia*, várias passagens que podem denotar uma atitude reflexiva sua, contrastando com o modo superficial como foi entendido ao longo de sua obra. No entorno das palavras geradoras foram se agrupando outras interpretações por meio de intervenções políticas (de parte do Estado e de assessorias aos movimentos populares) e acadêmicas (por meio da pesquisa). Tal incorporação à proposta inicial de Freire, dos anos 1950, foi uma tentativa de garantir o que foi constatado por Brandão e Coutinho, ou seja, a ausência da fala das classes populares em projetos

políticos, educativos/culturais e sociais. Destaca-se, assim, que houve um grave equívoco na leitura da obra de Freire, pois sua contribuição foi congelada numa espécie de modelo utilitarista que moldava o processo participativo da fala das classes populares já dentro de um projeto construído *a priori*: escutar para conscientizar e conscientizar para! Esse par mereceria a mesma forma grifada que o nunca e toda de Coutinho, pela forma que se traduzia em filtros que buscavam eliminar o contraditório, o reflexivo, o perguntador e o multidirecionado Freire (1996, p. 127), nesse pequeno livro, tenta escapar dessa espécie de armadilha ao dizer:

Se, na verdade, o sonho que nos anima é democrático e solidário, não é falando aos outros, de cima para baixo, sobretudo, como se fôssemos os portadores da verdade a ser transmitida aos demais, que aprendemos a escutar, mas é escutando que aprendemos a falar com eles. Somente quem escuta paciente e criticamente o outro, fala com ele, mesmo que, em certas condições, precise de falar a ele. O que jamais faz quem aprende a escutar para poder falar com é falar impositivamente.

Em Paulo Freire (1996), na sua *Pedagogia da autonomia*, inspiramos para ajudar na compreensão do que ocorre no Rubem Berta. Entre as questões que nos provocam ao longo das ações nessa inserção, estão sempre presentes aquelas que privilegiavam uma tentativa nossa de desvelar/compreender as relações entre os sujeitos-recicladores, homens e mulheres, e os agentes de mediação, ou melhor, as figuras externas, tais como os representantes das políticas públicas (setor de Limpeza Urbana), incluindo desde compradores da matéria-prima reciclada até os representantes de igrejas, partidos políticos e movimentos sociais. Procuramos, ainda, voltar nosso olhar para as relações de poder entre os membros da

associação de reciclagem Rubem Berta e os quadros diretivos da mesma. O mundo das relações de trabalho toma uma dinâmica muito grande e uma rara complexidade, quando observadas no cotidiano da unidade de reciclagem. Assim que, para compreender o significado das palavras da Mariza é necessário incluir esses elementos que compõem uma pedagogia do trabalho em contínuo processamento nas práticas de gestão que ocorrem no cotidiano da associação. Estamos destacando as interfaces com diversos agentes econômicos que se fazem presentes e cujas constantes negociações formulam claros aprendizados para a dinâmica de gestão dos homens simples.

É nesse ato de negociar, em que a linguagem vai sendo processada conforme os interlocutores, dependendo de que campo eles provêm, é que o dizer a palavra ganha um novo significado. Nesse sentido, essa pedagogia se relaciona diretamente com a história da educação popular e de seu ideário construído, ao longo dos últimos 40 anos em nosso país, traduzido tanto em iniciativas presentes nos movimentos sociais, nas atividades comunitárias, em associações da sociedade civil, como naquelas originárias de políticas públicas, especialmente de Educação de Jovens e Adultos. O 'expressar' significa a verbalização, o ato de falar, a expressão 'autônoma' de um pensamento próprio, relacional, reflexivo em todas as nuances de uma linguagem própria, de autoria!

Neste artigo, seguindo a lógica teórica adotada dos argumentos que dão sustentação à construção da problemática e à escolha do método, nos são caras as noções de identidades individuais, coletivas e autonomia. A construção desta fundamentação se faz em parceria com autores que permitem a combinação dessas categorias numa perspectiva relacional entre o estudo de caso e seu entorno soci-

al, entre os sujeitos da pesquisa e suas condições de vida concreta.

Ao longo do depoimento da Mariza, fomos sendo instigados e problematizados em nossos pressupostos teóricos e em nossa experiência de inserção em projetos de educação popular. Assim, o conjunto de reflexões que fazemos está formatado dentro de movimento permanente que procura expressar como estamos entendendo este tempo no qual pessoas adultas constroem suas identidades, individuais e coletivas, por meio de suas falas, tentando compreender essas manifestações na sua estreita relação com o entorno social em que são produzidas. É nossa expectativa compreender, também, como, efetivamente, as pessoas, em suas relações cotidianas, se apropriam cognitivamente de elementos que as ajudam a entender a si e ao entorno social, de forma criativa, reflexiva e com base nas suas próprias crenças e saberes, ou melhor, de modo mais livre e autônomo.

O pano de fundo que sustenta nossa busca já foi apresentado na construção do problema da pesquisa, ou seja, na ênfase dada ao movimento reflexivo da educação popular nos últimos 40 anos no nosso país, tanto em seus desdobramentos teóricos e metodológicos como nas formulações de políticas públicas, criação e implementação de ações sociais por parte do Estado.

Entre os autores que sustentam nossos argumentos está um pesquisador italiano, Alberto Melucci, com presença no Brasil na forma de artigos e no seu livro *A invenção do presente* (2001). Numa entrevista publicada nos Novos Estudos Cebrap, em 1994, ele nos passa uma chave de leitura de sua obra e que nós, guardadas as proporções, também assumimos por uma rara coincidência:

Quando comecei a minha carreira acadêmica, a sociologia, particularmente na Europa, e especificamente nos

meios marxistas, era uma forma hiperestruturalista de análise do comportamento e da realidade social. Havia, por outro lado, uma tradição psicológica reducionista interessada somente na dimensão interna da experiência individual. Deste modo, o que eu trouxe para a psicologia foi um interesse pelos constrangimentos estruturais que influenciavam o sofrimento humano. Eu acredito que sem este nível de contato com a experiência pessoal eu não teria compreendido as mudanças que ocorreram nos anos 60 quando a vida social passou a estar marcada por esta enorme necessidade de auto-realização, autonomia e expressão cultural das necessidades individuais e sociais (p. 154).

As contribuições de Melucci estão dentro de uma abordagem que tenta, na pesquisa social, romper com uma certa dualidade que se impõe aos indivíduos pesquisados tanto na forma, um tanto ambiciosa, de refletir sobre o que esse grupo pensa como no modo de evitar impor uma certa verdade que explicaria tudo o que ‘não sabem’ ou ‘não teriam atingido’. Essa reflexão desse autor encontra-se, também, muito fortemente presente na citação que trouxemos de Brandão a respeito das revisões que estão sendo feitas da metodologia da educação popular dos anos sessenta e suas ressonâncias em diversos estudos, pesquisas e políticas públicas. Essa nossa crítica não se faz no tom moralista do julgar o certo ou o errado de fora do cenário da pesquisa ou do mundo da empiria. Relacionamos esse tipo de apoio reflexivo em outros autores cujos estudos provêm de outros cenários que não só o da educação *strictu senso* os quais revelam proximidades com o último pensamento escrito por Freire em seu pequeno livro, mas de grande e generosa contribuição, chamado adequadamente de Pedagogia da autonomia.

Nossas indagações se fundamentam, como já dissemos, na crise dos

projetos de educação popular homogêneos tanto na identificação de ‘quem são’ os sujeitos presentes nas diversas formas de ação (associação de moradores, sem-teto) como nos respectivos modelos explicativos adotados. Em síntese, buscamos, partir do reconhecimento da crise da identidade coletiva desse grupo de recicladores, apoiando-nos em Melucci para a compreensão de novas formas instituintes de identidade individual e coletiva desses sujeitos. Na esteira desse autor, direcionaremos nosso investimento na busca por compreender os processos internos dos tempos e espaços vividos e, também, por localizar elementos de conexão entre esse vivido e as análises da conjuntura e das determinações estruturais sobre os recicladores/as.

Quando Mariza apresenta seu relato a respeito das condições de trabalho suas e de todo o grupo da Associação Ecológica de Reciclagem Rubem Berta, nós estamos visualizando na condição de educadores e de pesquisadores o quanto precisamos aprender como se dão as diferenciadas formas de estar com (entre eles), tanto no território do mundo do trabalho (galpão: local da produção; pátio; prédio da escola; capela e local da merenda) como no território da rua, nos trajetos entre o esse local e o das suas casas, queremos encontrar e estudar as ações coletivas presentes nesses espaços nos quais ocorrem processos de se reconhecerem e se sentirem seres de pertença para agirem juntos. Um olhar externo e, possivelmente, fundamentado em teorias reducionistas, baseadas em explicações macro ou micro, talvez identificasse indícios de alienação, fragmentação nas ações, ausência de atos solidários, etc. Tentaremos exercer um outro olhar que possa capturar e compreender evidências que sinalizem para a presença de um ‘nós’ de outra natureza.

Os sujeitos presentes nesses tempos e espaços de reciclagem, ao revelarem possíveis 'nós', tão bem comentados pela Mariza, em todo seu contraditório, continuam aguçando nossa curiosidade de pesquisador na medida em que pudermos compreender um dos desafios que Melucci lança ao longo de sua obra: 'o poder de nomear'. Mesmo se dirigindo a uma sociedade da informação, entendida como aquelas em que existe um acelerado desenvolvimento de tecnologias comunicativas virtuais como a Internet, esse autor considera estratégico o 'ato de nomear' na construção de um espaço público e democrático e que podemos adaptar para nosso estudo, considerando que o espaço das falas também é público, mas, ainda, um tanto circunscrito ao local de trabalho e de moradia. Melucci chega a dizer algo muito próximo ao referido em projetos de educação popular quando, no mesmo capítulo, diz:

Pode-se agir para colocar em ato a grande redefinição do 'direito da palavra' da qual tem necessidade o nosso tempo. Pode-se agir para fazer do discurso público um real espaço público, uma arena de linguagens na qual o sentido, as prioridades, os fins do viver coletivo podem ser nomeados e postos em confronto (p. 148).

As falas, como as do relato de Mariza, servem como subsídio para a compreensão de um processo que Melucci denomina como 'identização', ou seja, aquele que supera a visão de que macro-processos são determinantes exclusivos dos modos organizativos e constitutivos de parcelas da população. Essa noção atende às expectativas de nossa reflexão, uma vez que voltada a compreender os processos nos quais se inscrevem as 'vidas dos sujeitos' como contínuos, complexos, contraditóri-

os, tal como os caracterizou, também, Martins (2000). Nas palavras da Mariza temos um discurso coletivo sendo socializado por uma pessoa que revela um processo em que, homeopaticamente estria se processando um vivenciando um 'nós', agora em tempos de profundas mudanças nas relações sociais, e como 'experenciavam' essas mudanças em suas inserções concretas de vida. Assim, queremos 'dar voz', tal como sugere Melucci, a expressão do 'ponto de vista dos indivíduos' capaz de promover significativas mudanças no espaço social, bem como 'dar passagem' a que esses se articulem 'o ponto de vista da sociedade' como possibilidade de examinar o que acontece na experiência do indivíduo diante de um suposto 'potencial de autonomia' para transformar a própria realidade.

Sobre esse último aspecto, o mesmo autor destaca que o que motiva a ação coletiva de um grupo decorre tanto de finalidades comuns entre os sujeitos implicados como das relações interpessoais de convívio. E é nessa condição que o 'mundo do trabalho' é um mundo essencialmente 'pedagógico' pois compreende um conjunto de interações que a atividade do fazer oportuniza para além dela mesma. O produzir, como prática da ação sobre matéria prima, também se torna produzir-se.

Arremates e continuidades

As palavras de Mariza neste seminário foram portadoras da 'linguagem do homem simples'⁷. Elas resultam das intensas e diversas ações vividas por ela no mundo do trabalho, na reciclagem de resíduos secos urbanos. Essa recicladora teve inúmeras e cotidianas oportunidades de convivência com seus pares, com

agentes de mediação, com assessorias, com compradores e agentes do poder público.

Nos valores materiais recebidos como retornos da atividade produtiva, estão os sinais da injusta sociedade que limita a dignidade de quem trabalha, que não oferece as condições de exercício pleno da cidadania e de uma vida de qualidade. Mesmo assim, o vivido no local de trabalho produz sentidos, e a portadora da voz dos demais associados do Galpão Rubem Berta revela que esperanças ainda se lançam como possibilidades de melhorias na qualidade de vida para todos. São palavras que revelam uma extraordinária gana pela atividade que exerce em seu significado social, ambiental e econômico.

Para nós, na presença que aprende, os resultados se mostram a cada dia, a cada momento, com cada pessoa e com o conjunto dos homens e mulheres recicladores. Há um constante desafio que nossa inserção produz no campo dos conhecimentos que temos tido acesso em torno da educação popular e, com isso, os autores e referenciais em que nos apoiamos vão sendo oxigenados por esse processo interativo com as classes populares. Tentar compreender esse trabalho concreto se torna também uma rara oportunidade de conhecer a sociedade mais ampla. O trabalho realizado numa unidade de reciclagem, situada na periferia urbana, aparentemente sem maior sentido na cadeia produtiva podem ser encontradas evidências de toda uma sociedade que produz o descartável bem como das políticas públicas que tentam compensar as diferenças sociais dessa mesma sociedade. E mais, esse entorno social se torna um fértil campo para que teorias sejam 'problematizadas' em seus pressupostos e categorias.

⁷ Expressão retirada do livro de José de Souza Martins. *A sociabilidade do homem simples*.

O que fica, para nos desafiar, do conjunto destas reflexões inspiradas no depoimento da Mariza é que os ganhos reflexivos são bem maiores que os ganhos materiais recebidos recicladores, pois seus salários não atingem sequer o valor 1 salário mínimo mensal para se sustentarem!

Referências

- BRANDÃO, C.R. 1995. *Em campo aberto. Escritos sobre a educação e a cultura popular*. São Paulo, Cortez, 229 p.
- FREIRE, P. 1996. *Pedagogia da autonomia. Saberes necessários à prática educativa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 165 p.

- MARTINS, J. de S. 2000. *A sociabilidade do homem simples. Cotidiano e história na modernidade anômala*. São Paulo, Hucitec, 210 p.
- MELUCCI, A. 2001. *A invenção do presente. Movimentos Sociais nas sociedades complexas*. Petrópolis, Vozes, 199 p.

Submetido em: 01/08/2006

Aceito em: 04/09/2006